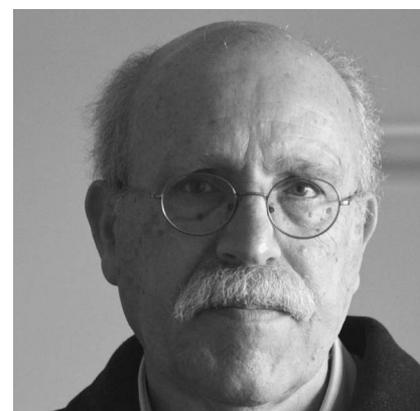




Uma perspetiva sugerida pelo teor
das placas memorativas

O Largo da Sé de Leiria, a “Farmácia Paiva”, a família a ela associada e Eça de Queiroz



António Nunes



Uma perspetiva sugerida pelo teor das placas memorativas

O Largo da Sé de Leiria, a “Pharmácia Paiva”, a família a ela associada e Eça de Queiroz

A Sé de Leiria

Quem chegar ao Largo da Sé, em Leiria, depara-se com várias placas memorativas com informação básica sobre todo o património e seu contexto cultural e histórico envolvente ao Largo e ao Adro da Sé. Começemos pelo que podemos considerar o mais significativo. Como se pode concluir pela leitura daquele que foi posicionado na base da escadaria do adro, o seu objetivo essencial é apresentar a Sé e o seu enquadramento na história da cidade.

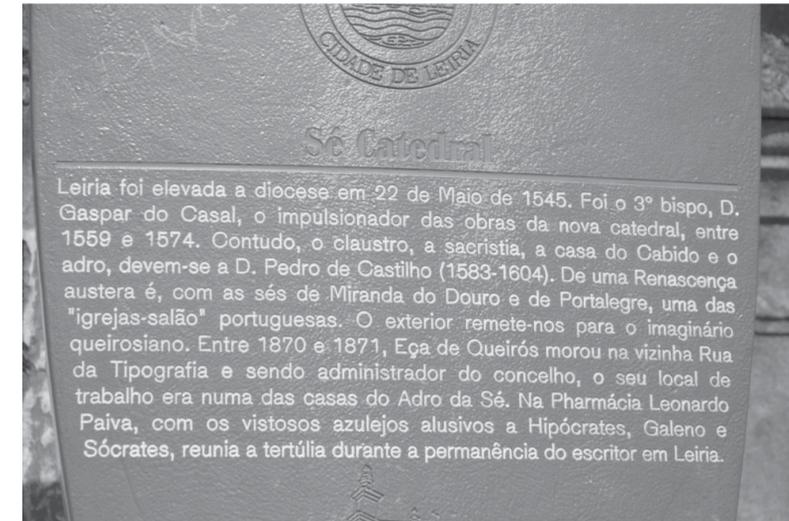
Pode ler-se que as obras da nova catedral ocorreram entre 1559 e 1574 e que Leiria foi elevada a diocese em 22 de maio de 1545. Entretanto, o bispo que deu o grande impulso às obras da que viria a ser a **Sé Catedral de Leiria** foi D. Gaspar do Casal que foi o 3º bispo da nova diocese. Este e outros pormenores acerca do percurso da criação da diocese de Leiria podem ser alcançados pela leitura da crónica XVIII, “Leiria – Crónicas e Outras Ocorrências”, de minha autoria e que vem publicada no “Notícias de Colmeias” do mês de Abril do corrente ano.

Precisamente porque Leiria foi elevada a diocese num dia **22 de maio** eis a razão invocada para que o **Dia do Município** ficasse a ser exatamente nessa data.

A justificação desta data tem emperrado com a data em que D. João III elevou Leiria à categoria de cidade, que foi no dia 13 de Junho de 1545, conforme sua carta dessa data expedida de Évora. Estas duas datas acabaram por ficar intimamente ligadas.

Em 22 de Maio de 1545, o Papa Paulo III, a pedido do rei de Portugal, D. João III, criava a diocese de Leiria com a bula “Pro excellenti apostolicae sedis”, desanexando-a da de Coimbra.

No mesmo ano (13 de Junho - Dia da Junta de Freguesia de Leiria, que agora já não é, mas que se crê que volte a ser, como é do mais elementar bom senso), D. João III elevou a vila de Lei-



ria a cidade.

Muitas peripécias foram, entretanto, surgindo, com o decorrer dos séculos, tendo mesmo a diocese de Leiria sido extinta em 30 de Setembro de 1881, por bula do Papa Leão XIII. Nesta altura 25 das 50 paróquias de Leiria foram integradas em Coimbra e as restantes ficaram a pertencer ao patriarcado de Lisboa.

O Papa Bento XV, depois de muitas e sucessivas diligências de leirienses e diversos Bispos, acabou por restaurar a diocese de Leiria com a bula “Quo vehementius”, de 17 de Janeiro de 1918.

...

Entretanto, a partir de 1917, a mensagem de Fátima daria à pequena diocese de Leiria uma verdadeira dimensão internacional. Assim, por decreto da Congregação dos Bispos de 13 de Maio de 1984, confirmado pela bula “Qua pietate”, com a mesma data, passou a designar-se “**Diocese de Leiria-Fátima**”.

Mais pormenores podem ser obtidos em “Leiria-Fátima” - Órgão Oficial da Diocese - Ano XII «» NÚMERO 34 «» JANEIRO/ABRIL «» 2004. Neste mesmo número o Prof. Dr.Saul Gomes escreveu “O ano do trigo sujo”: as rendas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no Priorado de Leiria nas vésperas da criação do Bispado (1541-1545).

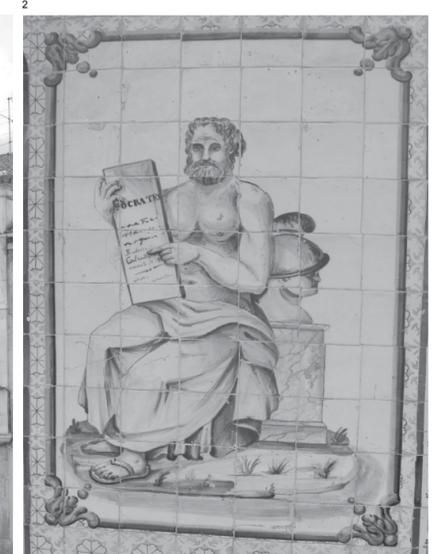
avaliar com alguma razoabilidade o seu significado real e influência determinante na caracterização do ambiente e das personagens principais do enredo do exaltante amor de perdição que ficou consubstanciado no livro imortal que Eça nos legou para a posteridade e a que deu o título “**O Crime do Padre Amaro**”.

Começemos pela “**Pharmácia Paiva**”. Em 2013 escrevi o livro “Falando de **Acácio de Paiva**” (*) porque nessa altura se comemorava o 150º Aniversário do Nascimento de Acácio de Paiva (1863-1944). Ora, foi precisamente nesta casa que o “Lidimo poeta Leiriense” nasceu. Assim, e dadas as ligações familiares, não me será muito difícil falar sobre o seu valor simbólico e cultural para a cidade de Leiria. Um ícone fundamental e inquestionável.

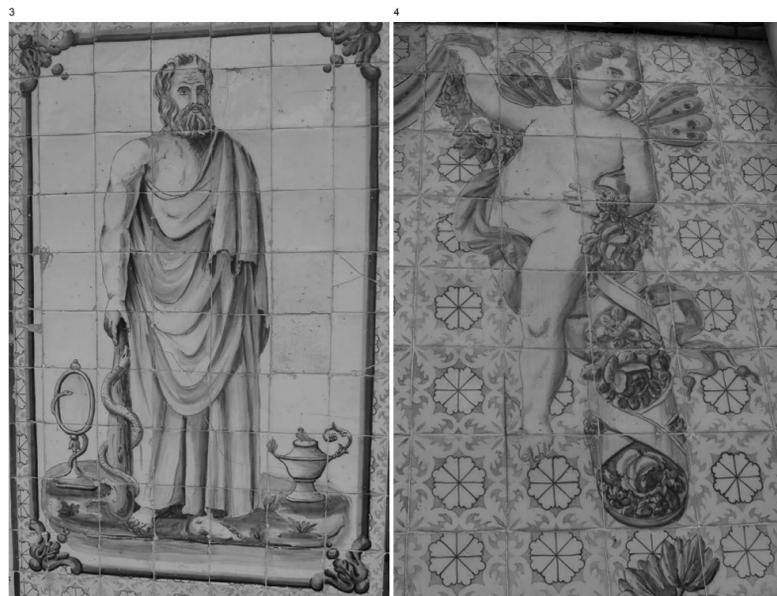
A «Pharmácia de Leonardo da Guarda e Paiva»

Prosseguindo a leitura do texto da placa informativa/memorativa que estamos a seguir damos conta que a presença de Eça de Queirós em Leiria

ficará indelevelmente ligada ao Largo da Sé, à “Pharmácia Paiva” no nº 7 e ao 1º andar que faz esquina do Largo com a atual Rua da Vitória. Estes pontos de referência são importantes para podermos



“Este prédio construído, provavelmente, no séc. XVII, como parecem fazer crer o conjunto de asnas e caibros que sustentam o telhado, foi pertença do cabido e, mais tarde, residência bispal. Em meados do século XIX foi comprado por Leonardo da Guarda e Paiva (tio de Acácio de Paiva) para aí instalar a sua farmácia. A fachada foi então mandada revestir de azulejos[...]”



Sequência das fotos, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

- 1 - Prédio onde funcionou a Farmácia Paiva
- 2 - Hipócrates.
- 3 - Galeno.
- 4 - Um dos anjos que seguram uma faixa, que segue duma extremidade à outra do painel de azulejos.

Apesar de já vários especialistas terem deixado escrito que os azulejos que revestem a "Pharmácia de Leonardo da Guarda e Paiva" são da afamada qualidade "Viúva Lamego", só muito recentemente é que o autor deste trabalho reparou no pormenor de que nos arabescos que constam da placa nas mãos de Galeno (arabescos esses encimados, duma forma nítida, pela palavra "Sócrates", donde a confusão que resulta em se atribuir à figuração daquele painel, à pessoa de Sócrates, filósofo do período clássico da Grécia Antiga) está inscrito, precisamente no local para onde aponta o dedo do figurado, um tanto dissimuladamente mas de forma inteligível, o seguinte:

«Fabricação... Calçada do monte Nº 12»

Ora, acontece que ainda hoje é essa a morada da Fábrica de Azulejos Viúva Lamego, que produziu dos mais afamados painéis de azulejos espalhados um pouco por todo o país.

Pormenor interessante é referir que este painel de azulejos terá sido executado pelo conhecido e referenciado na história da azulejaria, pintor Pereira Cão (ainda que tivesse o nome completo José Maria Pereira Júnior), que viveu entre 1841 e 1921. Os seus trabalhos caracterizavam-se pela utilização do azul e branco, quando em azulejo e faiança, e o estilo e traço das figurações são do seu género e qualidade. **Pereira Cão** executou, à tarefa e por encomenda, muitos e variados trabalhos para a fábrica Viúva Lamego e a sua arte estava muito em moda na época.

Após algumas investigações complementares, penso que se poderá conciliar o texto daquela placa informativa e as

figurações da fachada do edifício "Pharmácia Paiva", como segue:

A figura que sustenta nas mãos um documento em que se pode ler nitidamente o nome de "Sócrates" será **Galeno** e não o próprio Sócrates, como talvez erradamente tem vindo a ser popularmente divulgado, sem que as autoridades administrativas e culturais de Leiria tenham feito grande esforço em esclarecer.

É sabido que Galeno foi médico particular, entre outros, do imperador romano Marco Aurélio, que escreveu comentários sobre Hipócrates e que teve uma atuação de excepcional mérito no campo da medicina e da anatomia do corpo humano. Note-se, também, em abono desta teoria, o realce dado pelo pintor dos azulejos, ao colocar, em segundo plano - mas com a intenção nítida de lhe dar visibilidade e significado - a figura dum soldado/general da Roma antiga.

Outro pormenor importante a ter em conta é que Galeno começou por ser um grande estudioso da Filosofia. Daí, provavelmente, ser representado na fachada a estudar uma obra de filosofia com base nas teorias formuladas por **Sócrates**.

A fachada em azulejos foi colocada por encomenda (Feita por Leonardo Paiva. Por sua morte, o seu irmão, José de Paiva Cardoso, acabou por ficar na posse do edifício) para identificar especificamente uma "farmácia". Consequentemente, seria natural que os motivos das suas figuras estivessem relacionados com os temas farmácia e medicina e não se descortinam razões ponderosas para se destacar "Sócrates" em pessoa. Além do mais, também não se vê onde esteja a lógica de o próprio Sócrates estar a ler um documento (escrito numa tábua?) com o seu nome, em jeito de auto-identificação, até porque se sabe que o grande filósofo não escreveu, ele próprio, os seus pensamentos, antes preferindo divulgá-los através do discurso direto, profundo e cortante, em vários fóruns públicos, de Atenas, dirigidos não só à elite dominante como diretamente ao Povo. Disso se encarregaram os seus seguidores e igualmente reconhecidos filósofos da Antiguidade, como Platão e Xenofonte.

Seria de todo conveniente que se esclarecesse que não será propriamente a Sócrates (ou da Grécia Antiga) a quem se alude nas figurações em azulejo, mas sim a Galeno, como se explica atrás. Além de que esta placa informativa deveria referir-se ao Largo da Sé em vez de Adro da Sé.

Em jeito de singelo preito de homenagem à memória de um homem bom que nasceu, viveu, muito trabalhou e se dedicou às coisas de Leiria, **José Teles de Almeida Paiva** (1917-1994), é de toda a justiça frisar bem que foi em sua vida que este prédio ícone de Leiria, sofreu importantes obras de restauro e conservação e que só assim terá chegado aos nossos dias. Paz à sua alma, a família não o esquece. (*)

Esta informação foi confirmada pessoalmente, em

2004, em conversa com o gerente, que também era da família da viúva Lamego.

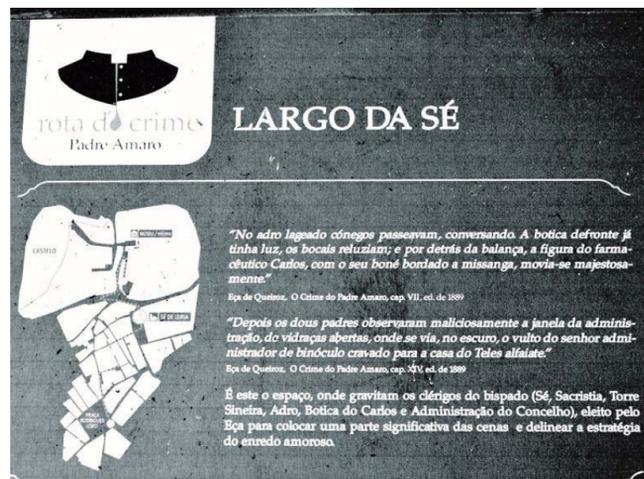
A outra figura, que se aceita aludir a **Hipócrates**, também pode representar o próprio Esculápio, apresentado pela civilização Grega, como filho do deus Apolo e o primeiro investigador e com capacidades para curar as doenças do Homem. Dado que Hipócrates lhe seguiu as pisadas e iniciou, com grande reconhecimento, uma escola no âmbito do estudo das doenças e das curas, é natural que o seu nome e obra tenha ficado para a posteridade como uma referência incontornável, o que de facto aconteceu.

Seria de todo conveniente que se esclarecesse que não será propriamente a Sócrates (ou da Grécia Antiga) a quem se alude nas figurações em azulejo, mas sim a Galeno, como se explica atrás. Além de que esta placa informativa deveria referir-se ao Largo da Sé em vez de Adro da Sé.

Em jeito de singelo preito de homenagem à memória de um homem bom que nasceu, viveu, muito trabalhou e se dedicou às coisas de Leiria, **José Teles de Almeida Paiva** (1917-1994), é de toda a justiça frisar bem que foi em sua vida que este prédio ícone de Leiria, sofreu importantes obras de restauro e conservação e que só assim terá chegado aos nossos dias. Paz à sua alma, a família não o esquece. (*)

A família Teles e Paiva - Leiria e Eça de Queiroz

Rotas cruzadas no Largo da Sé – Leiria



Continuemos a seguir (com as necessárias adaptações) o meu livro acima referido: (...) O tio de Acácio de Paiva, Júlio Teles de Sampaio Rio, na altura com 31 anos de idade, foi quem recebeu Eça quando este chegou a Leiria em julho de 1870 para tomar posse do cargo de administrador do concelho. Júlio era amanuense da administração do concelho (o tal 1º andar na esquina entre a Rua da Vitória e o Largo da Sé) e desde logo acompanhou Eça nas suas andanças pela cidade do Lis. Ora acontece que este Júlio é referenciado amíúde pelos **biógrafos de Eça de Queiroz** e tem-se conhecimento de cartas que escreveu a falar do seu convívio e confidências com o autor de "O Crime do Padre Amaro".

Pelo teor dessas cartas devidamente referenciadas por autores como G. de Castilho, Alfredo de Carvalho, António Cabral, Francisco Ayres, conjugado com o realismo do próprio romance de Eça, é nítido e flagrante que há uma íntima ligação entre pessoas da vida real, da época em que Eça de Queiroz permaneceu em Leiria (1870-1871), que tenham a ver com a família dos Teles e Paiva e personagens do romance "O Crime do Padre Amaro".

Esta placa informativa/memorativa foi colocada recentemente (maio de 2013) no Largo da Sé de Leiria, no canto confinante com a Rua D. Sancho I, tardiamente, talvez, mas muito apropriadamente. De facto, uma parte significativa das cenas do enredo amoroso magistralmente tecidas pelo grande Eça de Queiroz no seu livro mais famoso e por muitos considerado o melhor romance realista do século XIX, decorreu precisamente neste espaço mítico da cidade de Leiria.

Tenham-se em conta, pelo seu reconhecido interesse para um perfeito enquadramento do ambiente emocional daquele local àquela época, as seguintes considerações:

- No primeiro parágrafo de transcrição de passagens de "O Crime do Padre Amaro" fala-se "do farmacêutico Carlos". Esta personagem fundamental de "O Crime do Padre Amaro" é, comprovadamente, um retrato (embora algo caricaturado) do pai de Acácio de Paiva, **José de Paiva Cardoso**.

- Outros membros da família "Teles e Paiva" não escaparam ao olhar atento de Eça. A própria mulher de José (o "Carlos"), **Leopoldina Amélia** (bisavó de Zaida Paiva Nunes, cuja capa ofereceu à Associação SEMPRAUDAZ e que tem em exposição nas suas instalações no Espaço Eça, na Rua Direita-Leiria) e o seu irmão Júlio serviram também de inspiração na estratégia do enredo deste romance de Eça para caracterizar, respetivamente, as figuras da beata «**Amparo**» e do folgazão «**Artur Couceiro**».

- Relativamente ao segundo parágrafo: sabe-se que na Rua da Vitória (antiga Rua da Sé, que perdeu este nome para o atual, por alvará do Governo Civil de 18-12-1877) viveu um alfaiate. Entretanto, atente-se neste excerto delicioso do enredo do romance de Eça:

«- *Tem razão, D. Josefa – Disse a Amparo – é um castigo... e eu com cinco! (...)*»

Tinham voltado para junto da janela, e gozaram muito, espreitando o senhor administrador do concelho, que, por trás da vidraça da reparti-

ção, namorava de binóculo a do Teles alfaiate. – Ai, era um escândalo! Que nunca houvera em Leiria autoridades assim! (...)»

- in página 281 da edição de "O Crime do Padre Amaro" de 1964 da editora Lello & Irmãos:

"O Carlos da botica – que era inquilino do cônego e um pouco ronheiro na renda – desbarretou-se com espalhafato apenas D. Josefa aparece à porta, e conduziu-a logo acima, à sala de cortinas de cassa, onde a Amparo costurava à janela".

Na vida real, a personagem que serviu de inspiração para o "Carlos da botica", era o proprietário da dita botica. Lá está, bem explícito, na fachada em azulejos, "**Pharmácia de Leonardo da Guarda e Paiva**". Este era irmão de José de Paiva Cardoso (Carlos da botica) que, por morte de Leonardo, acabou por ficar de posse do prédio.

Repare-se em como o próprio autor faz parte da trama do romance. Eça de Queiroz era, à época do enredo, o administrador do concelho de

Leiria e o seu escritório era exatamente o do seu romance.

Sem dúvida, a "Amparo" do romance só poderá ser, na realidade, a mãe de Acácio de Paiva. Leopoldina Amélia teve 6 filhos, mas um morreu cedo, pelo que se pode presumir que a "Amparo" já só tinha 5 filhos quando Eça escreveu "O Crime do Padre Amaro".

Cabe aqui um parêntesis, só para prevenir os leitores, deixando explícito que o filho que morreu cedo não morreu de sarampo. É que a páginas 280 da edição já citada, Eça escreve que

"...Amparo, mulher do boticário, que tinha uma criança com sarampo, e, apesar de não ser coisa de cuidado, «viera à cautela fazer uma promessa»" (...).

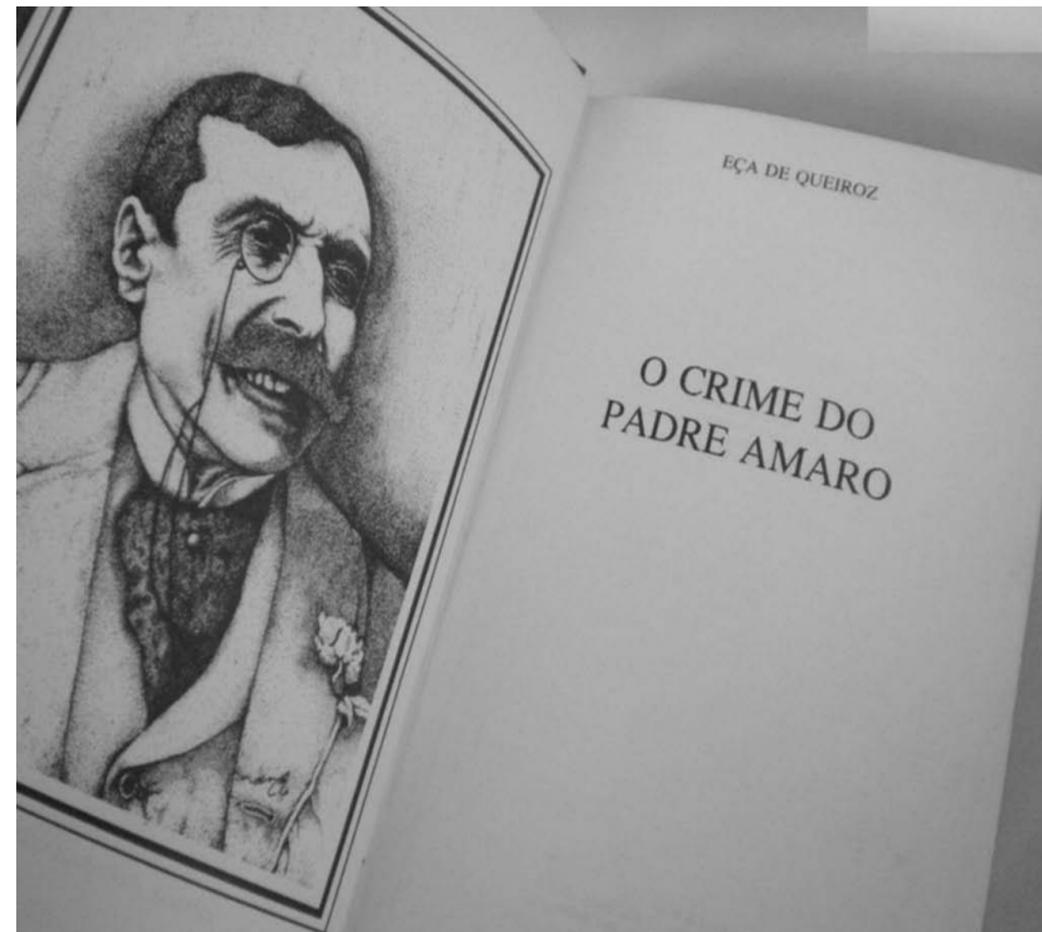
Mais adiante, como que se está a ler uma crónica da vida real, o autor "esclarece" que se tratava de uma das irmãs de Acácio de Paiva.

Ao lermos "O Crime do Padre Amaro" deparamo-nos com descrições e diálogos muito próximos da realidade

de do que era Leiria naquela época. Mesmo assim, há que fazer os ajustes necessários quando se reveem antepassados que são "retratados" no decorrer do enredo deste romance. Demais, apesar de "O Crime do Padre Amaro" ser, por muitos, considerado como o romance mais realista do século XIX, não deixa de ser uma contrução literária, ainda que imaginada pelo grande mestre da literatura mundial que foi Eça de Queiroz.

E tanto mais que se poderia dizer sob o mote dos textos das placas memorativas do Largo da Sé de Leiria!...

Notas: (*) 1) O livro "Falande de Acácio de Paiva", de António Almeida Santos Nunes, Ed. Junta de Freguesia de Leiria, 2013, pode ser obtido gratuitamente por simples contacto pessoal ou e-mail nunes.geral@gmail.com; 2) Ler "José Teles de Almeida Paiva – Uma Vida, Uma Época, Uma Cidade, de Zaida Paiva Nunes, coleção Leirena -3, Ed. Folheto, 2004.



União das Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes



"Próximos de si"



PRODUTOS	SEDE	UNIDADE DE PRODUÇÃO
- Colofónia	Telefone: +351 244 720 380 hilariocosta@costaelirmaos.com	Telefone: +351 233 959 928 geral@vieirifabril-resinas.pt
- Essência de Terebentina	Localização através do Google maps	Localização através do Google maps
- Embalagens metálicas para embalagem de colofónia e seus derivados	Coordenadas GPS: 39° 48' 30.996" N 8° 44' 31.736" W	Coordenadas GPS: 40° 0' 14.011" N 8° 48' 17.507" W

A empresa Costa & Irmãos, Lda, fundada em 1945, apresenta uma vasta experiência no mercado de resinas naturais.





CÂMARA